
CRISE ECOLÓGICA E CRISE(S) DO CAPITALISMO: O suporte da teoria marxista para a explicação da crise ambiental

Maria Beatriz Oliveira da Silva

Doutora em Direito com tese defendida em Direito Ambiental no CRIDEAU (Centro de Pesquisa Interdisciplinar em Direito Ambiental e Urbanismo) da Universidade de Limoges, França. Mestrado em Direitos Sociais e Políticas Públicas pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Graduação em Direito e Letras. É professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
End. Eletrônico: biabr@hotmail.fr

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é, através de uma abordagem dialética¹, trazer alguns elementos de reflexão e análise acerca da atual crise do capitalismo e da (também atual) crise ecológica, bem como resgatar algumas concepções e categorias marxistas para ensaiar uma resposta à seguinte questão: Existe uma relação entre a crise ambiental e a crise do capitalismo e, em que medida, a análise da crise ambiental pode encontrar suporte na teoria marxista?

Palavras-chave: Capitalismo. Crise. Meio ambiente. Marxismo.

*ECOLOGICAL CRISIS AND CRISIS OF CAPITALISM:
The marxist theory of support for explanation
of environmental crisis*

ABSTRACT

The main purpose of this article is to bring reflection and analysis on the current crisis of capitalism and the contemporary ecological crisis through a dialectical approach as well as to rescue certain Marxist concepts and

¹ Especialmente no sentido de buscar explicitar as contradições que Marx apontou na lógica do sistema capitalista.

categories as to look for an answer to the following question: Is there a relationship between the environmental crisis and the crisis of capitalism? And to what degree can the analysis of the environmental crisis find any support on Marxist theory?

Keywords: *Capitalism. Crisis. Environment. Marxism.*

1 A TÍTULO DE INTRODUÇÃO: Marx - O (Eterno) Retorno

Com a queda do muro de Berlim, o mundo capitalista foi tomado por uma euforia delirante acompanhada de uma virulenta ofensiva ideológica. Nas últimas duas décadas, o mundo acadêmico embasado nas *teorias do fim* – fim da história, fim das ideologias, fim da validade da teoria do valor, fim do trabalho e da sua ontológica centralidade na reprodução da vida social, fim das classes sociais e, por consequência, fim de qualquer projeto coletivo de emancipação humana – catalogou como *dinossauros* os que não abdicaram das ideias de Marx. Não lembramos com exatidão em qual de suas crônicas Luís Fernando Veríssimo (com sua fina ironia e humor) declarava que nada tinha contra os dinossauros, essas simpáticas criaturas que povoaram a terra nos seus primórdios – preferia os dinossauros às baratas, que a tudo se adaptam.

Muitos dos que haviam enterrado Marx e já estavam perfeitamente adaptados e acomodados nas *evidências* pós-modernas assistem, com espanto, ele saltar de forma avassaladora das prateleiras das livrarias chegando a ser campeão de vendas em alguns países da Europa. O fato é que o capitalismo contemporâneo se parece muito mais com as previsões de Marx do que com as projeções míticas anunciadas pelos arautos do (neo) liberalismo e da economia política², e está, principalmente, na necessidade de explicações à atual crise capitalista, o retorno do velho e insuperável Marx.

Logo após a última crise de Wall Street, Eric Hobsbawm³ defendeu, em uma entrevista, a atualidade da obra de Karl Marx e o renovado interesse que vem despertando nos últimos anos. Mas, ao mesmo tempo em que o autor defende a necessidade de se voltar a ler Marx, adverte que “os seus escritos não devem ser tratados como programas políticos, mas sim como um caminho para entender a natureza do desenvolvimento capitalista”⁴. Para Hobsbawm, Marx permanece sendo um soberbo pensador para a compreensão do mundo e dos problemas que devemos enfrentar.

Um dos problemas a ser enfrentado neste mundo de *crises* ou de *crise* multifacetada é o da crise ambiental. A questão é saber em que medida esta crise se relaciona com a crise do capitalismo, e em que medida a sua análise pode encontrar suporte na teoria marxista, visto que a questão

² IASI, 2011.

³ HOBBSAWM, 2008.

⁴ *Ibidem*.

ambiental não é prioritária na obra de Marx.

Para ensaiar uma resposta à questão proposta, objetivo principal deste artigo, nos valem de pesquisa bibliográfica e, especialmente, de elementos colhidos em um Colóquio Internacional do qual participamos no Espace Marx⁵, em Paris, intitulado *Une Crise de Civilisation?*, que reuniu filósofos, economistas, sociólogos, historiadores, sindicalistas e militantes políticos, com o objetivo de dimensionar a crise global que atravessamos.

Mas, antes de entrar na temática ambiental, vamos a uma resumida análise da atual crise do capitalismo.

2 UMA NOTA SOBRE A(S) CRISE(S) DO CAPITALISMO, DE UMA PERSPECTIVA MARXISTA

Em *O Capital*, Marx⁶ explora a tendência do capitalismo em gerar crises de dois tipos: um tipo mais específico, que pode ser chamado de crise econômica de acumulação devido à tendência para a queda da lucratividade, e o outro são as crises periódicas de acumulação que devem ser vistas como manifestações de uma crise geral, sempre crescente, do capitalismo. Marx evidencia o caráter cíclico das crises, mas este retorno periódico, ao mesmo tempo, se aprofunda – o que significaria dizer que dentro de toda a crise conjuntural há uma crise estrutural que cresce, gerando crises sistêmicas que, segundo muitos, é a que nos encontramos no momento.

Assim, tratando-se da crise do capitalismo, pode-se dizer de forma sintética que, para Marx, a razão está na própria irracionalidade do processo produtivo que conduz este sistema a uma crise permanente, provocada por causas distintas, na perpétua guerra da produção de mercadorias e acumulação do lucro.

O professor César Benjamin⁷, em artigo intitulado *Relendo Marx*⁸, observa que Marx concluiu que o capital procuraria ampliar suas possibilidades de acumulação na forma D-D'⁹, na qual nunca deixa de exis-

⁵De 28 a 29 de janeiro de 2011, no Espaço Niemeyer, 6 avenue Mathurin Moreau, 75019, Paris, França. Com a participação da Transform e da Fondation Gabriel-Péri.

⁶MARX, 1996.

⁷BENJAMIN, 2009.

⁸Publicado em: “Crise, para onde vão o mundo e o Brasil?”, *Revista Princípios*, Esp.1 n. 100, março-abril, 2009. p. 84-8.

⁹Que começa na relação mais simples e direta que é M-M, ou seja, a troca de qualidade, de mercadoria por mercadoria; mas, para que o espaço mercantil se desenvolvesse, o dinheiro passa intermediar o ato de troca que assume a forma M-D-M. O processo avança para um novo desdobramento: D- M -D', pois a posse do equivalente geral torna-se mais interessante do que a de uma mercadoria específica, fazendo

tir como riqueza abstrata, e anteviu que, quando essa fórmula se tornasse predominante, a civilização do capital entraria em crise, e aqui, trata-se de uma crise civilizatória, muito mais ampla do que as crises cíclicas do capitalismo. Esta forma D-D' significa a completa financeirização da economia através de um capital fictício, sem lastro produtivo e, como bem observa o professor Benjamin¹⁰, onde “tudo é dinheiro”. O que restaria saber, em primeiro lugar, é se esta crise é, realmente, uma “crise de civilização”.

Une Crise de Civilisation? é a questão-título do já referido colóquio promovido pelo *Espaces Marx*, que trazia essa questão como desencadeadora de uma série de outras questões, entre elas:

- Há *crises* ou estamos vivendo uma grande *crise planetária* de múltiplas dimensões?

- Crise financeira, crise da economia real e do trabalho, crise da dívida, crise social... em que estado nos encontramos e como se articulam estas crises?

- Estas crises não seriam dimensões de consequências de uma crise do conjunto do modo de acumulação capitalista financeirizado em escala mundial?

- Estas crises ou esta crise produzem contradições de condições e de potencialidades novas que podem constituir pontos de apoio de uma transformação emancipadora?

- A questão de saber que humanidade queremos ser e que vida queremos viver não nos obriga a uma nova concepção e articulação do social, do ambiental, da solidariedade e da cultura ao centro do desenvolvimento?

Inúmeras outras questões foram postas e muitas respostas foram ensaiadas, mas não é nosso propósito relatá-las nos limites deste artigo. A quem interessar possa, as intervenções estão disponibilizadas em vídeo (online)¹¹, mas já podemos adiantar que o debate apontou para uma crise estrutural e sistêmica do capitalismo que, poderíamos dizer, resumidamente, se apresenta em três níveis: crise econômico-financeira; crise social;

com que desapareçam as duas pontas do processo. Liberadas dos estreitos limites do valor de uso, as relações de troca se expandem ainda mais colocadas a serviço da ampliação da riqueza abstrata, ilimitada por definição. O que está na gênese do mundo atual foi a inclusão no circuito do dinheiro, da força de trabalho humana (FT), da terra (T), e os meios de produção (MP): D- [FT+T+MP]-M -D'. Agora o circuito mercantil se completa e a produção é produção de mercadorias. Mas Marx percebeu que o capitalismo não se detém aí, e que procuraria ampliar as suas possibilidades de acumulação na forma D- D'. O estudo específico deste circuito na sua forma mais avançada é o objeto de *O Capital*.

¹⁰ BENJAMIN, 2009.

¹¹ Disponível em: [Espaces Marx: <http://www.espaces-marx.net>](http://www.espaces-marx.net).

crise ecológica que irão desdobrar-se em um conjunto imenso de outras crises (alimentar, energética, do trabalho, cultural e ética, entre outras) e que redundam, finalmente, em uma crise de civilização.

Neste debate, a crise ambiental foi colocada como um dos níveis ou dimensões da crise do capitalismo. Em seguida retomaremos essa questão, mas, antes disso, voltemos à segunda parte da questão apresentada no início deste artigo: pode-se encontrar respaldo na teoria marxista para a explicação da crise ambiental?

3 A CRISE AMBIENTAL E A ATUALIDADE DE MARX

Antes de tratar da *questão ambiental em Marx*, ou da validade ou não da teoria marxista na discussão da crise ambiental, é preciso contextualizar tanto a questão ambiental como o pensamento de Marx. Se é verdade que a reflexão sobre a relação entre as atividades humanas e os ecossistemas não é recente, como assinala o professor Alexandre Kiss¹² quando afirma que "sempre houve preocupações relativas aos recursos naturais dos quais os homens dispõem", citando exemplos da Antiguidade e mesmo da Pré-História, também é verdade que apenas nas décadas de 1960 e 1970, diante da consequência que o progresso técnico e o crescimento econômico desenfreado estavam trazendo ao meio ambiente, que a questão ambiental vai ganhar espaço. Para precisar ainda mais, foi a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente¹³, realizada em 1972 em Estocolmo, que colocou, efetivamente, o meio ambiente na agenda internacional.

Portanto, a questão ambiental não possuía, à época de Marx, a dimensão e a urgência que hoje possui. Na verdade, a proteção ao meio ambiente ganhou amplitude mundial e passou a ser devidamente reconhecida a partir do momento em que a degradação ambiental atingiu índices alarmantes.

Mas, se a temática ambiental não era central na obra de Marx, dado que a sua preocupação foi com a crítica radicalmente fundamentada ao capitalismo, não significa que a sua teoria e o conjunto de categorias por ele criadas não possam contribuir para o debate e a análise da questão

¹² KISS, 2005-2006.

¹³ Na verdade, esta Conferência foi precedida pelo encontro de Founex em 1971, chamado pelos organizadores de Estocolmo para discutir, pela primeira vez, as dependências entre meio ambiente e desenvolvimento, e foi seguida de uma série de encontros e relatórios internacionais que culminaram, 20 anos depois, com o Encontro da Terra no Rio de Janeiro - a Rio 92.

ambiental na atualidade.

Dentre os autores que escrevem sobre a questão ambiental, é comum a referência ao marxismo como uma teoria e uma filosofia que nada têm a contribuir para essa discussão. O marxismo é visto por eles como produtivista, antropocêntrico e desinteressado pelo valor que a natureza possa apresentar. Porém, Guilherme Foladori¹⁴ corretamente adverte que, em 1999, foram publicados nos Estados Unidos dois livros (considerados por ele como obras complementares) que demonstram o equívoco de tal visão. Trata-se dos livros de autoria de Paul Burkett, *Marx and nature. A red and green perspective*, que trata, basicamente, da teoria econômica de Marx em relação à natureza, e o livro de John Bellamy Foster, *Marx's ecology. Materialism and nature*¹⁵, um estudo das raízes filosóficas e do método do materialismo histórico em relação à natureza, que colocam o método e a teoria marxista em seu devido lugar em relação à questão ambiental.

De sua parte, Jean-Marie Harribey¹⁶ rebate a ideia de que a reivindicação de transformação social com base nas concepções marxistas seria obsoleta, e que o *ecologismo* enquanto movimento estaria sendo chamado a substituir como paradigma o da transformação social. O economista se contrapõe a essa ideia, pois, no seu entendimento, é a acumulação capitalista que, na verdade, está na origem da degradação tanto do campo social como do ambiental. E assim, as ideias de Marx continuam sendo um importante instrumento de análise e enfrentamento da degradação social e ambiental.

Para o catedrático de Economia Política da Universidade Livre de Berlim, Elmar Altvater¹⁷, “o conceito marxista da relação natureza-homem é muito mais apropriado do que outros conceitos para compreender as contradições e a dinâmica da relação social entre ser humano e natureza, quer dizer, da relação entre a economia, a sociedade e o meio-ambiente”.

Paul Burkett¹⁸, acima citado, explica que, segundo Marx, a acumulação do capital requer não apenas força de trabalho para explorar, mas também condições naturais e materiais que, por sua vez, permitam a explo-

¹⁴ FOLADORI, 2001.

¹⁵ Publicado no Brasil como *A Ecologia de Marx: materialismo e natureza*, pela editora Civilização Brasileira (2009).

¹⁶ HARRIBEY, 2004.

¹⁷ ALTVATER, 2007, p. 1.

¹⁸ Em entrevista realizada por João Aguiar para *odiário.info.*, *Marxismo e Ecologia*, entrevista com Paul Burkett. Disponível em: <<http://asvinhasdaira.wordpress.com/2007/07/25/marxismo-e-ecologia-entrevista-com-paul-burkett>> Acesso em: 4 fev. 2011.

ração da força de trabalho e que o trabalho excedente seja materializado e incorporado em mercadorias. Isso ajuda a explicar por que o capitalismo tem sido tão ecologicamente destrutivo ao longo da sua história e por que atualmente está colocando em risco a própria habitabilidade humana no planeta. Em suma, longe de ser antiecológica, a análise crítica da valorização capitalista executada por Marx é essencial para uma compreensão adequada das crises ambientais contemporâneas.

Retornemos, então, à questão do capital fictício gerado pela financeirização que submete o sistema econômico aos imperativos da lógica financeira da acumulação e faz com que *tudo seja dinheiro* (conforme observação do professor Benjamin, já citada), para estabelecermos novos links entre a crise do capitalismo e a crise ambiental.

4 TUDO É MERCADORIA NO MUNDO DAS NECESSIDADES *FABRICADAS*

Ao afirmar que tudo é dinheiro e que tudo se transforma em mercadoria, o professor César Benjamin¹⁹ apresenta a constatação seguinte:

Estamos finalmente em um sistema-mundo em que tudo é mercadoria, em que se produz loucamente para consumir mais loucamente, e se consome loucamente para se produzir ainda mais loucamente. Produz-se por dinheiro, especula-se por dinheiro, faz-se guerra por dinheiro, corrompe-se por dinheiro, organiza-se toda a vida social por dinheiro, só se pensa em dinheiro. Cultua-se o dinheiro, o verdadeiro deus da nossa época – um deus indiferente aos homens, inimigo da arte, da cultura da solidariedade da ética, da vida, do espírito, do amor. Um deus que se tornou imensamente mediocrizante e destrutivo. E que é incansável, pois a acumulação de riqueza abstrata é, por definição, um processo sem limites.

Essa citação nos permite continuar refletindo sobre as relações existentes entre a crise do capitalismo e a crise ambiental, visto que a natureza não está fora da lógica deste mundo onde “tudo se transforma em mercadoria” e onde, segundo Kurtz e Leff²⁰, há uma “privatização da natureza”, pois tudo é reduzível a um valor de mercado e representado nos códigos do capital e os potenciais da natureza adotam a forma de “capital

¹⁹ BENJAMIN, 2009, p. 88.

²⁰ KURTZ, 2002; LEFF, 2004.

natural”²¹.

Para Kurtz²², a economia moderna é totalitária, pois tem uma pretensão total sobre o mundo natural e social, e como sua lógica consiste única e exclusivamente na valorização permanente do dinheiro, ela tem de odiar tudo o que não assume a forma de um preço monetário, assim, não deve haver nada mais debaixo do céu que seja gratuito e exista por natureza.

Mercadoria é uma categoria-chave em Marx²³, que, em *O Capital*, a adota como ponto de partida e a considera responsável pela reorganização da sociedade humana.

A expansão deste mundo ocorreu com a transformação de todos os bens em mercadorias – bens materiais e simbólicos e, partir daí, o mundo se concentra em aumentar a produção para o consumo de mercadorias, criando sempre novas necessidades, e buscando, ainda, um programa contínuo para encurtar o tempo de acúmulo de riqueza.

Como se pode ver, para alimentar esse processo é necessário aumentar o consumo e para aumentar o consumo é preciso criar novas necessidades. *Necessidade* é outra categoria-chave em Marx²⁴ e também para a análise da questão ambiental, pois o princípio do desenvolvimento sustentável determina que os recursos naturais devam ser utilizados “buscando atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades”²⁵ sendo, para isso, necessário um equilíbrio entre as dimensões econômica, social e ambiental do desenvolvimento.

O que resta saber é quais são as *necessidades* das gerações presentes e, mais ainda, quais serão as necessidades das gerações futuras? São as necessidades humanas ou as do capital que devem ser atendidas? Que tipos de necessidades devem ser atendidas para que se possa manter o equilíbrio ecológico? A partir dessas questões daria pra desenvolver uma tese²⁶,

²¹ LEFF, *op. cit.*

²² KURTZ, *op. cit.*

²³ MARX, 1974.

²⁴ *Ibidem.*

²⁵ Conceito cunhado no Relatório Brundtland, (1991) que se constituiu no princípio 4 da Rio 92. (RELATÓRIO BRUNTLAND, 1991)

²⁶ Trabalhamos um pouco esta temática em um artigo intitulado “O direito à qualidade de vida e o consumo sustentável como indicador de qualidade de vida”, publicado na Revista do Curso de Direito da Faculdade da Serra Gaúcha, v. 5, p. 113-24, 2009.

mas, de forma sintética, pode-se dizer que existe um *escalonamento*²⁷ no campo das necessidades, que vai das necessidades básicas (relacionadas à própria sobrevivência do ser humano), passando por necessidades que são *socialmente construídas*, chegando àquelas que são *propositalmente criadas* ou impostas pela lógica da dominação, das quais nos fala Marcuse²⁸.

Marx²⁹ chamava a atenção para o fato de que estavam sendo criadas necessidades sociais que, à medida que eram satisfeitas, obstruíam cada vez mais o caminho dos seres humanos rumo ao *reino da liberdade*³⁰, pois essas novas necessidades desenvolvidas na e pela sociedade capitalista reforçam relações e estruturas sociais de exploração e de dominação. Advertia Marx que o capital estimula uma série de necessidades, não com o objetivo de promover o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, mas apenas com o fito de atender a única necessidade que realmente importa ao capital: valorizar-se, ampliar-se.

Nos *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, Marx³¹ faz a conexão da essência humana com o mundo material e chama a atenção para as verdadeiras necessidades do homem, que são as que partem de dentro do ser e cuja satisfação levam ao verdadeiro gozo e prazer. Segundo ele, quando um indivíduo atende a um chamado do mercado, obtém um gozo, porém, este está subordinado ao capital. O prazer passa a estar fora do indivíduo.

No mundo das *necessidades fabricadas*, o prazer encontra-se cada vez mais *fora do indivíduo* e a fetichização da mercadoria é cada vez maior. As mercadorias valem cada vez mais pelo seu valor de troca do que

²⁷ Que pode variar segundo fatores históricos, culturais, sociais, etc. O psicólogo norte americano Abraham Maslow, por exemplo, criou a chamada “Teoria da Hierarquia das Necessidades”, que pode ser visualizada através de uma pirâmide que, da base para o topo, estaria assim estruturada: necessidades fisiológicas, necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidades de autoestima e necessidades de autorrealização. Assim, na base da pirâmide, estariam as necessidades fisiológicas, que constituem o nível mais baixo de todas as necessidades humanas, mas de vital importância e, no topo, as necessidades de autorrealização, que seriam as necessidades humanas mais elevadas e que permitiriam a cada pessoa identificar o seu próprio potencial e autodesarrolhar-se continuamente. Ver em: MASLOW, A. *Motivation and Personality*, 2. ed. Harper & Row, 1974.

²⁸ MARCUSE, 1979.

²⁹ MARX, 1983.

³⁰ Em *O Capital*, Marx irá trabalhar com a contraposição do “reino da liberdade” e “reino da necessidade” afirmando que o reino da liberdade só começa, de fato, onde cessa o trabalho determinado pela necessidade. Assim como o selvagem tem de lutar com a Natureza para satisfazer suas necessidades, para manter e reproduzir sua vida, também o civilizado tem de fazê-lo, e tem de fazê-lo em todas as formas de sociedade e sob todos os modos de produção possíveis. Com seu desenvolvimento, amplia-se esse reino da necessidade natural, pois se ampliam as necessidades; mas, ao mesmo tempo, ampliam-se as forças produtivas que as satisfazem. Nesse terreno, a liberdade só pode consistir em que o homem social, os produtores associados, regulem racionalmente esse seu metabolismo com a Natureza, trazendo-o para seu controle comunitário. (*Ibidem*, p. 273)

³¹ *Idem*, 1991.

de uso³² e o caráter místico da mercadoria não provém, pois, do seu valor de uso. Expostas no altar do deus mercado são objetos de adoração, sendo atribuído a elas um valor simbólico, quase divino. E, assim, as pessoas não compram o real, mas sim a transcendência que determinado produto simboliza. Por isso é que, por vezes, quem compra uma marca está comprando a própria identidade.

Mas, que implicações tem tudo isso no equilíbrio ambiental, ou melhor, que implicações tem tudo isso na denominada crise ambiental?

Evidentemente que para manter a roda deste modelo de produção e consumo girando, não há recursos naturais que cheguem a tempo, nem para as presentes e, muito menos, para as futuras gerações. Como afirmou Geneviève Azam³³, “o capitalismo é um processo de ‘des’ civilização, onde o crescimento das forças produtivas transformou-se em forças destrutivas”, e a montanha de detritos que criamos a cada dia é a prova concreta disso.

Portanto, essa sujeição de toda a atividade humana ao domínio da mercadoria faz com que as forças produtivas tornem-se *forças destrutivas* e gerem, conseqüentemente, a crise ambiental em que vivemos.

5 MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA: Quando as forças produtivas viram forças destrutivas

O modo de produção capitalista estendeu-se a todo o planeta, sujeitando progressivamente ao domínio da mercadoria todas as atividades humanas. Mas, para o economista Jean-Marie Harribey³⁴, é a primeira vez na sua história que o capitalismo produz duas importantes degradações simultâneas: a primeira é de ordem social, pois, apesar de um crescimento considerável das riquezas produzidas, a pobreza e a miséria não recuam no mundo; já a segunda diz respeito à natureza e aos ecossistemas gravemente

³² Segundo Marx, o valor de uso está relacionado à utilidade da mercadoria, é baseado nas características da mercadoria que permitem a ela satisfazer as necessidades humanas. Ou seja, o valor de uso é diretamente a base material onde se apresenta uma relação econômica determinada: o valor de troca. E a base do valor de troca, ou do valor propriamente dito, é o trabalho humano necessário para produzir essas mercadorias. Marx vai nos mostrar que, de forma alguma, ocorre uma troca equivalente no processo de compra e venda da força de trabalho: o que ocorre é o fetiche da mercadoria, de modo que o produto direto do trabalho (sob a forma de mercadoria), o próprio capital e as relações sociais que ele engendra, “parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os homens” e que fazem as relações próprias do capitalismo parecerem como naturais e eternas (MARX, 1996).

³³ Na abertura do colóquio *Une crise de civilisation?*, já citado. (AZAM, 2011)

³⁴ Marxismo ecológico ou ecologia política marxiana? Disponível em: <[http://www.hdbr.org.br /data/site/uploads/arquivos/Marxismo_pdf](http://www.hdbr.org.br/data/site/uploads/arquivos/Marxismo_pdf)>. Acesso em: 05 fev. 2011. (HARRIBEY, 2002)

atingidos ou ameaçados pelo esgotamento de certos recursos não renováveis e por poluições de toda espécie.

Para Harribey³⁵, a origem desta crise ecológica é, sem dúvida, o modo de desenvolvimento industrial conduzido sem outro critério de julgamento que não seja o da rentabilidade máxima do capital investido, mas cuja legitimidade é assegurada pela ideologia segundo a qual o crescimento da produção e do consumo é sinônimo de melhoria do bem-estar de que todos os habitantes do planeta se beneficiariam, em mais ou menos longo prazo.

Para Guillermo Foladori³⁶, a origem da crise ambiental encontra-se no tipo de relações sociais de produção. Segundo ele, antes de culpar a indústria e o avanço tecnológico, deve-se buscar a causa primeira da crise ambiental no tipo de relações sociais de produção, visto que a produção capitalista inaugurou um sistema cujo objetivo não é a satisfação direta das necessidades, mas a obtenção de um lucro em dinheiro, através da concorrência no mercado. Nesse processo uns ganham enquanto outros perdem e não há forma alguma de que todos ganhem simultaneamente.

Foladori³⁷ se contrapõe às críticas do movimento ambientalista que atribui ao crescimento ilimitado da produção na sociedade moderna a causa da degradação ambiental também ilimitada, mas sem fazer a crítica à organização capitalista da sociedade humana.

Adverte o autor acima citado que essa tendência ilimitada à produção não é uma consequência natural da espécie humana, e sim particular da produção capitalista. A concepção divulgada pela economia neoclássica Keynesiana de que o ser humano tem *necessidades ilimitadas*, segundo o autor, jamais foi comprovada. Pelo contrário, tanto a história econômica como a antropologia têm mostrado esse equívoco, pois a tendência à produção ilimitada é o resultado direto e necessário de uma organização econômica que gira em torno da produção de lucro e não da satisfação das necessidades. Por essa razão é impossível entender a crise ambiental sem partir da compreensão da dinâmica econômica da sociedade capitalista, e por isso também resultam fúteis as críticas à produção ilimitada que não encaram as críticas à organização capitalista da sociedade.

³⁵ HARRIBEY, 2002.

³⁶ FOLADORI. O capitalismo e a crise ambiental. *Revista Raízes*, Ano XVIII, Nº 19, maio/99 p 31-36 Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_08.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2011.

³⁷ *Ibidem*.

6 A TÍTULO DE CONCLUSÃO: Voltando ao começo

Para voltar ao começo e apresentar uma síntese das ideias aqui colocadas à apreciação, retornemos à questão inicialmente proposta: Existe uma relação entre a crise ambiental e a crise do capitalismo, e em que medida a análise da crise ambiental pode encontrar suporte na teoria marxista? Mas, antes de buscar alguma resposta a essa questão é importante também questionar: como se caracteriza a atual crise do capitalismo?

Como se tentou mostrar, os debates apontam para uma crise estrutural e sistêmica. Trata-se de uma crise civilizatória, muito mais ampla do que as crises conjunturais ou cíclicas do capitalismo. É a primeira crise no capitalismo global, na qual quase todos os países estão submetidos a uma lógica mercantil, ou seja, à completa financeirização da economia através de um capital fictício, sem lastro produtivo.

Essa crise se apresenta em três níveis: crise econômico-financeira, crise social, crise ecológica; e esses três níveis se desdobram em um conjunto imenso de outras crises que redundam, finalmente, em uma crise de civilização.

Portanto, com base nos fundamentos aqui apresentados, a crise ambiental é um dos níveis ou dimensões da crise do capitalismo. Assim, começamos a responder à questão sobre as relações entre crise do capitalismo e crise ambiental. Isso porque uma das provas da atual crise do capitalismo ser estrutural é o fato de ela atuar sobre o esgotamento do modelo de produção e consumo, que é altamente degradante do meio ambiente.

Portando, na origem da crise ecológica está o modo de desenvolvimento conduzido sem outro critério que não seja o da rentabilidade máxima do capital. Destarte, a tendência ilimitada à produção não é uma consequência natural da espécie humana, mas particular da produção capitalista, visto que é o resultado direto e necessário de uma organização econômica que gira em torno da produção de lucro e não da satisfação das necessidades dos seres humanos. Por essa razão, é impossível entender a crise ambiental sem partir da compreensão da dinâmica econômica da sociedade capitalista.

No que diz respeito ao suporte das ideias e categorias marxistas para compreensão da crise ambiental, é importante lembrar que foi aqui observado que, antes de abordar-se “a questão ambiental em Marx”, é preciso contextualizar o pensamento de Marx e avaliar-se o contexto em que, efetivamente, emergiu a chamada “questão ambiental” ou as preocupações

com o desenvolvimento sustentável. No entanto, se existe uma conexão entre a crise ambiental e o modo de produção capitalista, e Marx foi, por excelência, um crítico do capitalismo, só por isso já se poderia dizer que é possível encontrar suporte teórico em Marx para analisar a crise ambiental como uma das dimensões da crise do sistema capitalista. Se admitirmos que a acumulação capitalista esteja na origem da degradação tanto do campo social como do ambiental, longe de ser antiecológica, a análise crítica da acumulação capitalista executada por Marx é essencial para uma compreensão adequada da crise ambiental contemporânea.

Também é importante registrar que Marx viveu o momento mais avançado do capitalismo do século XIX e preocupou-se em analisá-lo com tal profundidade e lógica que sua teoria serve para explicar coisas que ele não viveu e que não eram centrais em sua época, como por exemplo, a crise ambiental, objeto das nossas reflexões neste texto.

A atualidade de Marx para discutir a crise ambiental também resta provada quando resgatamos categorias-chaves como “mercadoria” (responsável pela reorganização da sociedade humana), e “necessidade” (que está também no centro do princípio do desenvolvimento sustentável), pois na base da crise ecológica está a ampliação, cada vez maior, de “necessidades fabricadas” pelo mercado através de uma fetichização da mercadoria.

Na verdade, essa “abstração coisificante”, que se traduz em uma personificação das coisas e coisificação das pessoas, essa dissociação do valor de uso e do valor de troca é uma inversão que está na base do capitalismo e, conseqüentemente, da crise ecológica. O fato é que, depois de Marx, nunca tivemos tamanha reificação do mundo, e por isso nunca foi tão necessário “revisitá-lo”.

Finalmente gostaríamos de agregar à “questão motivadora” deste artigo uma nova: É possível sair da crise ambiental sem sair do capitalismo em crise? Estamos, aqui, parodiando o economista egípcio Samir Amin³⁸, que levantou a questão: Sair da crise do capitalismo ou sair do capitalismo em crise?, citada durante o colóquio *Une crise de civilisation?*.

Se a resposta é que não se pode sair da crise do sistema, sem sair do sistema, também não se pode afirmar que a atual crise nos conduzirá, finalmente, à derrocada do sistema capitalista. Infelizmente, o modo de produção capitalista poderá sobreviver a esta fase e, eventualmente, se re-

³⁸ AMIN, 2009.

construir em novas bases³⁹.

É uma ilusão crer que a consequência “natural” desta crise seja que o sistema de produção capitalista venha a desmoronar como um castelo de cartas. De outra parte, não basta dizer que o capitalismo está em crise. A questão é saber o que vai substituir este sistema e que estratégias podem ser construídas no curto, médio e longo prazo e esta é uma luta política que também deve levar em consideração o poder de reagir de cada país. É preciso avançar nas contradições do sistema para ultrapassá-lo, pois, como afirma Paul Boccard⁴⁰, no ambiente de crise do capitalismo crescem as oportunidades de transformação⁴¹.

Portanto, se a crise que estamos vivendo é uma crise de civilização, a questão é saber que civilização queremos construir e que modelo de desenvolvimento queremos: o do crescimento eterno ou do planejamento democrático da vida? O da satisfação das necessidades materiais e imateriais humanas ou o do capital?

Trazendo esta reflexão para o campo ambiental, é lógico dizer que, com base nas ideias aqui apresentadas, também não se pode sair da crise ambiental sem sair da crise do capitalismo; ou melhor, sem sair do capitalismo em crise.

No entanto, o fato de não guardarmos ilusões sobre a possibilidade de “ecologizar o capitalismo”⁴² através de uma “economia verde” e compartilhamos da tese de que existe uma incompatibilidade entre o meio ambiente ecologicamente equilibrado - garantido em várias constituições como um direito fundamental - e o modo de produção capitalista⁴³, não significa que não possam empreendidos combates por reformas imediatas “no” capitalismo, buscando construir caminhos que conduzam “para além” do capitalismo.

³⁹ Como advertem os professores de economia Reinaldo Antônio Carcanholo e Mauricio de Sousa Sabadini, em publicação dedicada à análise da Crise 2008-2011. (CARCANHOLO; SABADINI, 2010)

⁴⁰ BOCCARA, 2010.

⁴¹ Ideia apresentada no lançamento de um livro sobre a crise internacional em evento promovido pela Fundação Gabriel Péri e a Editora Le Temps des Cerises, na Assembleia Nacional da França, em Paris, no dia 14/02/2011. Neste livro o economista francês é autor do texto “Transformation et crise du capitalisme mondialisé”.

⁴² Segundo Chesnais e Serfati (2003), a ausência de uma postura anticapitalista levou a maioria dos Partidos Verdes europeus a se tornarem simples parceiros “ecorreformistas” da gestão social-liberal do capitalismo. (CHESNAIS; SERTAFI, 2003)

⁴³ Ver sobre este tema em: TANURO, 2010.

REFERÊNCIAS

ALTVATER, Elmar. Existe um marxismo ecológico? Tradução: Rodrigo Rodrigues. In: BORON, A.; AMADEO, J; GONZALES, S. (org.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. 2007. Disponível em: <<http://biblioteca-virtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt>>. Acesso em: 01 fev. 2011.

AMIN, Samir. Sortir du capitalisme en crise. In: **Connaître Marx. La Pensée**, n. 360, p. 69-77, out./dez., 2009. Acesso em: 01 fev. 2011.

AZAM, Geneviève. **Colóquio Une Crise de civilisation?** Paris-França, 29 enero, 2011. Disponível em: <<http://www.espaces-marx.net28>>. Acesso em: 01 fev. 2011.

BENJAMIN, César. Relendo Marx. Crise para onde vão o mundo e o Brasil? **Revista Princípios**, esp. n 100, p. 84-8, mar./abr., 2009.

BOCCARA, Paul. Transformation et crise du capitalisme mondialisé. In: **Groupe-nous et demain!** “La crise internationale et les alternatives de gauche”. Paris: Le Temps des Cerises, 2010.

BURKETT, Paul. **Marxismo e Ecologia**: entrevista com Paul Burkett. Disponível em: <<http://asvinhasdaira.wordpress.com/2007/07/25/marxismo-e-ecologia-entrevista-com-paul-burkett>>. Acesso em: 04 fev. 2011.

CARCANHOLO, Reinaldo Antônio; SABADINI, Mauricio de Sousa. Interpretation Théorique de la crise capitaliste actuelle. **La Pensée**, Fondation Gabriel Péri, n. 364, p.7-21, out/dez. 2010.

CHESNAIS, François; SERTAFI, Claude. “Ecologia” e condições físicas da reprodução social: alguns fios condutores marxistas. **Revista Crítica Marxista**, n. 16. São Paulo: Boitempo, mar./2003. Disponível em: <<http://www Unicamp.br/cemarx/criticamarxista>>. Acesso em: out. 2005

DECLARAÇÃO sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_<20020319150524/20030625102846/20030625104533>. Acesso em: 01 fev. 2011.

FOLADORI, Guillermo. O capitalismo e a crise ambiental. **Revista Raízes**,

ano XVIII, n. 19, maio/99 p. 31-6. Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_08.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2011

_____. O metabolismo com a natureza. **Revista Crítica Marxista**, p.105-17, 2001. Disponível em <<http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/05folad.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2011

FOSTER, John Bellamy. **A Ecologia de Marx: Materialismo e Natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GALEANO, Eduardo. **A ordem criminosa do mundo**. Depoimento. Documentário, TVE, Espanha, nov./2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GYHMC_itckg>. Acesso em: 24 jun. 2012.

GALEANO, Eduardo. **Quatro frases que fazem crescer o nariz do Pinóquio**. 28 jul. 2007. Disponível em: <http://resistir.info/galeano/quatro_frases.html>. Acesso em: 12 jul. 2012.

HARRIBEY, Jean-Marie. **Marxismo ecológico ou ecologia política marxiana?** (2002). Disponível em: <<http://www.hdbr.org.br/data/site/uploads/arquivos/Marxismo>>. Acesso em: 05 fev. 2011.

_____. **Rapports sociaux et écologie: hiérarchie ou dialectique?** CONGRÈS MARX INTERNATIONAL IV: Guerre impériale, guerre sociale. Universidade ParisX Nanterre – Sorbonne, 30/9-2/10, 2004. Oficina Ecologie: Capitalisme, environnement, développement. Disponível em: <<http://www.canal2.tv/video.asp?idvideo>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

HOBSBAWM, Eric. **A crise do capitalismo e a importância atual de Marx**. Entrevista disponível em: <http://historiaemprojetos.blogspot.com/2008/09/entrevista-eric-hobsbawm.ht>

IASI, Mauro Luis. **Marx e a crise**: os fantasmas agora são eles. 2011. Disponível em: <http://www.socialismo.org.br/portal/images/stories/documentos/Marx_e_a_crise.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2011.

KISS, Alexandre. Du régional à l'universel: la généralisation des préoccupations environnementales. **La Revue Internationale et Stratégique –IRIS**, n. 60, p. 84-91, 2005/2006.

KURTZ, Robert. **A privatização do mundo**. <http://www.krisis.org> (“Die Privatisierung der Welt”) Tradução: Luís Repa (2002). Disponível em: <<http://obeco.planetaclix.pt/rkurz102.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2011.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidad, racionalidad, complejidad, poder**. 4. ed. Madrid: Siglo XXI, 2004.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. 5. ed. Trad. Giassone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MARX, Karl. **Consequências sociais do avanço tecnológico**. Coleção Ciências Sociais, Série Materialismo Histórico, v. 1. São Paulo: Edições Populares, 1980.

_____. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. **O capital**. São Paulo: Nova Cultura, v. 1, Livro I, 1996. (Série Os Economistas)

_____. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, v. 5, 1983. (Série Os Economistas).

_____. **O capital**. v. 1, parte I. Disponível online no site Marxists’ internet archives: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol-1cap01.htm>>. Acesso em: 03 abr. 2011.

_____. Para a Crítica da Economia Política. *In*: **Manuscritos Econômicos-Filosóficos e outros textos escolhidos**. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural. 1974.

MASLOW, A. **Motivation and Personality**. 2. ed. Harper & Row, 1974.

RELATÓRIO Brundtland. **Nosso futuro comum**. Declaração sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/>. Acesso em: 01 fev. 2011.

TANURO, Gabriel. **L’Impossible capitalisme vert**. Paris: Éditions La Découverte, 2010.

Recebido: 30/01/2013

Aceito: 21/02/2013